

O embate pela memória de luta de Sandino a partir de Carlos Fonseca Amador

Fernanda Feltes¹

Resumo

Este trabalho enfoca o processo de reconstituição e fortalecimento da memória da trajetória de luta de Augusto Sandino (1895-1934) a partir da abordagem do projeto político revolucionário do sandinista Carlos Fonseca Amador (1936-1976) no período que antecede a eclosão da Revolução Sandinista (1979). O artigo estabelece hipóteses para as motivações que tornaram Sandino parte integrante da “invenção de uma tradição” (Hobsbawm, 1984) pretendida pela Frente Sandinista a fim de firmar as bases para o triunfo revolucionário e reconstituir a memória do líder guerrilheiro contra o silenciamento imposto pela ditadura somozista. A possibilidade da memória de Sandino servir aos propósitos de marcar a constituição de um passado compartilhado com a FSLN, mediar a relação da Frente com a população e prover coesão de classe são duas das hipóteses, além da aplicação do líder operário-campones enquanto elemento transformador do repertório político da população. A análise ancora-se fundamentalmente nas reflexões de Erice (2014) sobre memória nacional, nos aportes de Traverso (2011) a respeito do conteúdo político das memórias e nos estudos de Hobsbawm (2013, 1984) sobre tradição e usos sociais do passado.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil. E-mail: fernandafeltes@yahoo.com.br

O embate pela memória de luta de Sandino a partir de Carlos Fonseca Amador

Na estruturação do projeto político de Carlos Fonseca Amador², um aspecto foi enfatizado: a rememoração da trajetória de Augusto Sandino. Propõe-se, a partir da leitura dos textos produzidos por Fonseca (FONSECA, 1982, Tomos I e II) que retomar a figura e a trajetória de Sandino era importante por três motivos principais: em primeiro lugar, para fortalecer o diálogo de uma vanguarda revolucionária eminentemente estudantil com outros segmentos da população, especialmente o camponês. Em segundo lugar, para promover a coesão da população em torno desse movimento e sua intenção de combater uma ditadura que perpassou todo o período entre a guerrilha de Sandino e a atividade da FSLN, o que poderia ser facilitado pela mediação da ideia de um legado que possibilitaria o estabelecimento de uma relação de continuidade no combate ao somozismo. E, por fim, pela defesa à formulação de uma moral e cultura novas, para além da dimensão de mudança política, que indica o interesse em promover uma reformulação no repertório cultural dessa sociedade e para a qual, acredita-se, tenha se identificado em Sandino um caráter modelar.

Augusto Sandino liderou, entre as décadas de 1920 e 1930, o Exército de Libertação Nacional na Nicarágua. Nesse período, a Nicarágua sofria intervenção direta dos Estados Unidos e ancorava-se num bipartidarismo, em que liberais e conservadores dividiam o poder sempre em benefício dos grandes proprietários e de uma política de aliança com os EUA. Bastou um governo de tonalidade mais reformista, incorporado por José Santos Zelaya, para que se substituísse a intervenção indireta dos EUA por uma ingerência direta de presença militar. Sob esse contexto, Augusto Sandino, influenciado pelas ideias revolucionárias que trazia de experiências de trabalho no México, reuniu combatentes de extração principalmente camponesa e formou o Exército de Libertação Nacional. A atividade guerrilheira do grupo visava à expulsão dos marines estadunidenses. Após um período de combate, as tropas estadunidenses se retiraram do território nicaraguense em função de um acordo político com as elites nicaraguenses. Sandino entregou as armas e foi morto em 1934, numa conspiração liderada por Anastasio Somoza García.

Quase nos termos de uma “invenção de tradição” (Hobsbawm & Ranger, 1984), se pode tratar alguns componentes da rememoração de Sandino por Fonseca Amador. Acredita-se nesse esforço como uma tentativa de reforçar a coesão de um grupo, nele inculcar valores e assim legitimar instituições, de acordo com as premissas afirmadas por Hobsbawm & Ranger. Em relação ao último ponto, é importante assinalar que se toma a formulação do projeto político como uma atitude institucionalizadora. Nesse sentido, compreende-se a institucionalização não sob o aspecto do interesse desse projeto na tomada revolucionária do poder político e investimento sobre o Estado, mas já nas intenções que o demarcavam previamente. Estas intenções relacionavam-se mais com a institucionalização da Frente Sandinista enquanto movimento de vanguarda revolucionária, com a fundamentação de um novo código moral e de uma ética revolucionária e com a necessidade de fortalecer a coesão do grupo que se pretendia representar.

Por fim, é necessário explicar que a análise sobre a rememoração de Sandino por Fonseca defende a ideia de que esta tenha se voltado à conformação de uma memória coletiva, num primeiro momento, mas sempre se projetando na direção de uma memória nacional. Dessa forma, acredita-se que as reflexões dos autores sobre memórias nacionais (particularmente em ERICE, 2004) contribuam ao estudo na medida em que a intenção dessa rememoração integra um projeto de caráter nacional. Essas são as ideias fundamentais que se pretende considerar a seguir, na proposição de um referencial teórico que as instrumentalize.

Toda a veiculação de um passado é mediada por portadores e receptores. Não é possível tomar o passado como um absoluto, uma vez que ele recebe olhares desde o presente. Para se detectar a configuração de determinada leitura do passado, é fundamental conhecer quem é seu

²Carlos Fonseca Amador (1936-1976) é tomado aqui como o principal articulador do projeto político da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Líder formador da Frente, Fonseca estruturou o programa do movimento e foi seu primeiro secretário-geral. Além disso, foi o responsável pela inclusão do sandinismo entre os princípios da Frente.

portador, como esse passado se organiza e estrutura e por que motivos é expressado. De acordo com Erice (op. Cit.), o processo de construção de memórias coletivas insere-se na “dialética material das inter-relações e confrontações” (*idem, ibidem*, p. 13). Isso não determina que se exclua o tratamento da significação semântica e do caráter normativo de uma determinada memória, mas inclui esses aspectos sob a perspectiva material das inter-relações e confrontações mencionadas pelo autor.

Com base no caso do projeto político de Fonseca Amador, investiga-se, portanto, que condições mediaram o processo dialético de defesa da emergência de uma memória sandinista. Fatores como o agravamento das condições de vida da população, o intenso processo de expulsão da população camponesa ocasionado pela ampliação da cultura algodoeira (VILAS, 1986) e a contradição entre o empobrecimento e o enriquecimento da família Somoza e dos aliados próximos da ditadura (LOZANO, 1985) também cobraram sua importância na estruturação do uso do passado operado a partir de Sandino.

É preciso também remeter ao impacto de processos como Revolução Cubana e a desestalinização soviética sobre a intelectualidade marxista nicaraguense, que encaminham opção por um marxismo heterodoxo alinhado à perspectiva da luta armada defendida pelo guevarismo e ao componente antissomozista da oposição nicaraguense, o que indica a disputa entre os projetos políticos somozista e revolucionário socialista. Nesse sentido, a aplicação da experiência de Sandino integrava o repertório de uma tradição nicaraguense, consubstanciando a afirmação da heterodoxia e de uma revolução identificada com a história nacional. Esta relação foi apontada por Fonseca ao sugerir que se usassem “palavras do vocabulário histórico nacional” para demonstrar a radicalidade do processo e sua vinculação à realidade objetiva da Nicarágua (FONSECA, op. Cit., Tomo I, p. 98).

O apagamento da trajetória de luta do EDSN e de seu líder no âmbito da ditadura somozista (RAMÍREZ, 2008) orientou o projeto político de Fonseca Amador no sentido da organização e institucionalização de um esquema de memória centrado na figura e trajetória de Sandino. Em 1974, o sandinista acusou o interesse da tirania somozista em “ocultar a tradição nacional de defesa da soberania ante as agressões provenientes dos Estados Unidos” (FONSECA, op. Cit., Tomo I, p. 409) Noutro texto, Fonseca afirmou que o apagamento de Rubén Darío era efeito do “terrível dano à cultura” promovido pela ditadura por motivos políticos (*idem, ibidem*, p. 407).

Entretanto, a participação política camponesa no cenário preliminar à consolidação da Frente Sandinista (SOTO, 1985; VILAS, 1986), por exemplo, permite que se afirme que a emergência desse esquema, centrado em Sandino, tenha sido também um produto da dialética entre memórias coletivas já existentes entre segmentos da população e o interesse de Fonseca Amador e dos demais líderes do movimento sandinista em ordenar essas memórias³. Para isso, valia sublinhar a presença da memória de Sandino e do EDSN entre os camponeses: “No campo e sobretudo na montanha Sandino é um feito em grande medida do presente. O jovem camponês repete com respeito o relato dos mais velhos” (FONSECA, op. cit., Tomo 1, p. 137). Entre os operários, onde esses episódios não eram tão significativos, a aproximação se operava por meio do conteúdo de combate à exploração, para, à semelhança de Sandino, forçar os exploradores a “não clamarem clemência quando o povo se vingar e fizer justiça” (*idem, ibidem*, p. 251). Como elemento de vinculação ao campo marxista, Fonseca destacava que “nos documentos assinados por Sandino, palpita a simpatia por uma revolução social” (*idem, ibidem*, p. 68).

Desse modo, não se assume que a consciência popular e o processo de organização da memória sandinista sejam dados dicotômicos e que o segundo deles se sobreponha ao primeiro e o domine, mas que sejam concepções que somente por seu entrelaçamento orgânico tenham podido servir ao reforço da coesão desse grupo. Sobre esse mesmo aspecto, Cattaruzza (2007), ao abordar a adoção da tradição gaucha pelo Estado, indica que “O Estado tentou operar sobre grupos sociais

³Löwy (25/01/2007) atribui a Fonseca a “intuição profunda” de fundir a perspectiva marxista com a “tradição e o exemplo” de Sandino, cujo combate anti-imperialista permanecia vivo na memória, imaginação e consciência do povo. Acredita-se, entretanto, que apenas elementos desses episódios estivessem presentes na memória de setores específicos da população. Dadas essas condições, Fonseca atuou pela progressiva expansão dessa memória, mas não pela aplicação de uma tradição que “permanecia viva” entre a população.

heterogêneos que liam, interpretavam, atribuíam sentidos, construíam relatos, inventavam tradições que não se alinhavam com as que lhes propunham a cultura letrada e o Estado (...) Como é evidente, colocações desse tipo se apoiam na presunção da existência de certa autonomia cultural nos setores subalternos e, simultaneamente, na observação de Baczko que insiste em que os imaginários sociais resultam em um lugar e em um objeto de conflito” (CATTARUZZA, op. cit., p. 261). Logo, reitera-se a dinâmica dialética em que se interpõem as práticas de diversos grupos.

A diversidade de elementos de apropriação da trajetória de Sandino na liderança do EDSN diz respeito também à condição dupla de Sandino de operário e camponês. Em *Viva Sandino*, Fonseca pontuou essa associação ao qualificar Sandino como “operário de extração camponesa” (FONSECA, op. Cit., Tomo II, p. 42). A seguir, o sandinista reiterou essa duplicidade operário-camponesa ao mencionar a recepção, por Sandino, das notícias sobre o desencadeamento da Revolução de Outubro, na Rússia: “Ainda que não se possa dizer que outubro tenha sido determinante no caminho que ele escolheria, é inegável que seu sensível coração operário-camponês foi cruzado pelo espírito proletário que pela primeira vez se propagou pelo planeta” (*idem, ibidem*, p. 43).

Essa condição dupla favorecia a identificação com uma parte significativa da população, quer ou não estivesse familiarizada com relatos a respeito da experiência do EDSN, em virtude do desenvolvimento desigual do processo de proletarização na Nicarágua. Vilas, ao defender essa hipótese, explica que “O desenvolvimento desigual do processo de proletarização da força de trabalho no campo e na cidade, as complexas formas de articulação da classe operária urbana com a produção mercantil simples e o pequeno comércio, bem como o forte peso adquirido nas cidades pela população não produtiva, incidiram nitidamente no modo em que será colocada e desenvolvida a questão da aliança operário-camponesa. [...] na Nicarágua ela adquire as características de uma questão rural-rural, já que o proletariado agropecuário constitui a fração majoritária da classe operária” (VILAS, op. cit., p. 24).

Em conformidade com Vilas, acredita-se que o projeto político de Fonseca Amador tenha expressado a questão rural-rural, uma vez que o sandinista percebeu maior incidência de efeitos da proletarização sobre os camponeses e por conta disso indicou a zona rural como espaço de proletarização (FONSECA, op. cit., Tomo I). Sob a dinâmica rural-rural, acredita-se que a rememoração de Sandino servia novamente à coesão da população operária e camponesa em torno do projeto político revolucionário.

Ainda que a política estatal de memória tenha força pois parte do setor dirigente, ela insere-se em disputas em que se expressam diversos grupos e suas interpretações do passado. Traverso (2011) assinala que o processo de emergência de memórias envolve necessariamente a agência dos sujeitos representados por essa memória e, dessa forma, há a inserção concreta numa disputa, além de inflexões decorrentes dessa dinâmica. O gradativo êxito da rememoração de Sandino logrado pelos sandinistas em interação com a população⁴ demonstra a inegável existência dessas disputas, uma vez que essa rememoração atuou sempre em oposição à política somozista. De acordo com Novick em Traverso (op. cit.), uma memória nunca é apolítica, uma vez que sempre reflete divisões sociais reais. Com base nisso, sustenta-se que o conflito por memórias também é uma expressão dessas divisões.

Defende-se que a centralidade de memória de Sandino tenha sido um importante componente de mediação entre a população e a vanguarda. Isso porque, se tomada a extração de Fonseca Amador, percebe-se sua situação de estudante universitário no seio de uma população com muito baixo acesso à formação de nível superior. A rememoração de Sandino, nesse contexto, poderia demonstrar potencial mediador no diálogo dos líderes sandinistas da fase inicial do movimento, em sua maioria universitários, com uma ampla camada da população qualificada como classe dominada.

⁴De acordo com Morlina (2009), também as CEBs contribuíram a essa propagação, ao associarem-se à FSLN no trabalho de uso político do passado de Sandino. Entre os cristãos, reiterava-se o aspecto religioso – cristão – da vida do líder guerrilheiro. Essa apropriação é interessante pois em si também produziu apagamentos, se considerada a menção de Angell (1997) à participação de Sandino na “Escola Espiritual Magnética da Comuna Universal”.

A caracterização de Sandino como herói nicaraguense (FONSECA, op. Cit., Tomos I e II) servia principalmente a dois propósitos: a identificação, nesse sujeito, dos preceitos da nova moral revolucionária; e o reforço da coesão do grupo, conforme já se mencionou. Novikova (2007) sublinha que a conclamação aos heróis nacionais contribui ao reforço da identidade nacional, fundamentalmente porque serve de elemento de coesão. O atributo é prioritário, segundo a autora, para a conformação da identidade nacional, uma vez que permite a formulação de uma verdade geral. A observação também está presente em Hobsbawm & Ranger (op. cit.), que apontam para o estabelecimento da coesão social por meio da tradição inventada. Sugere-se, para o presente caso, que Sandino possa ter sido não o único, mas um dos elementos de fundamentação da identidade nacional reivindicada pelo projeto político de Fonseca Amador.

Ao mencionar a inflexão que substitui a perspectiva do herói pela perspectiva da vítima, Novikova (op. Cit.) aponta para outra possibilidade: conforme a autora, a preponderância da vítima indica a configuração do luto – que pode refluir para o silenciamento daquilo que ocasionou a vitimização ou então a reivindicação da responsabilidade daquele que a causou. Ao tratar das vítimas, a autora permite que se pense na característica incorporada pela conclamação dos heróis, em oposição à estruturação da figura da vítima. No caso da rememoração de Sandino, a opção pelo heroísmo está inserida num contexto de embates antiditatoriais e anti-imperialistas em que ainda não se assumiu a preponderância da perspectiva da vítima. Diante das alternativas armadas e revolucionárias que ganharam impulso na América Latina com a eclosão da Revolução Cubana, analisa-se que a figura da vítima, cabível a um processo de luto, é menos significativa do que a figura do herói, orientada para o reforço ou revigoração da mobilização popular. Por isso, Fonseca atrelava a nomeação dos heróis patrióticos e nacionais ao comprometimento da população com a vingança da “pátria humilhada” (FONSECA, op. Cit., Tomo I, p. 69) e do sacrifício desses heróis por uma Nicarágua livre, digna e revolucionária (*idem, ibidem*, p. 258). Atender ao chamado para também sacrificar-se habilitaria os nicaraguenses a ser considerados “filhos autênticos de uma terra de heróis” (*idem, ibidem*, p. 155).

É possível atribuir outras características a essa identidade nacional com base em sua opção pelas figuras tomadas como heroicas, a saber a ideia de missão – ou legado, termo mais característico no projeto político de Fonseca Amador – e a composição de uma relação em que a figura do “outro” é central como elemento de estruturação da solidariedade social. Como já mencionado, a conformação de uma memória de combate tem relação com a reivindicação de figuras heroicas. É válido sublinhar que, para Erice op. Cit.), a apresentação de episódios trágicos pode ser feita de modo a configurar esses episódios como prelúdios da regeneração ou recuperação nacional. Essa característica esteve presente nas menções de Fonseca ao sacrifício dos heróis e à necessidade de, por meio de sacrifícios semelhantes, demarcar um espaço de transformação.

A configuração do outro atende também ao interesse de estabelecer uma relação de diferença na qual devem sobressair elementos favoráveis à memória ou aos grupos que se deseja fortalecer. Um bom exemplo dessa prática é citado por Traverso (op cit.), ao mencionar o caráter não-ocidental com que é tratado o Holocausto sob a perspectiva de um ocidente caracterizado por seu liberalismo. Ao apontar para o Holocausto como uma prática não ocidental – e não-liberal, sob essa leitura -, veem-se reforçados os princípios liberais do Ocidente. Ou seja, favorece-se essa perspectiva com base numa instrumentalização da memória do Holocausto. Nesse sentido percebe-se a importância de demarcar limites precisos entre um projeto e outro sempre que se quer fazer predominar um deles no âmbito da disputa política. No caso presente, identifica-se o imperialismo ou o somozismo como antíteses do somozismo e, precisamente no campo da memória, reivindica-se figuras heroicas operando também o contraste que permite que se vejam as figuras opositoras. Além de uma prática concreta e cujas dimensões extrapolam em grande medida o campo da memória, essa atitude no âmbito da memória diz respeito a identificar e caracterizar o outro para qualificar a si mesmo.

Além das menções a Sandino, Fonseca incluía entre os heróis nacionais ou sujeitos cuja trajetória poderia servir de exemplo aos nicaraguenses Camilo Torres, Che Guevara, o liberal José Santos Zelaya e o poeta Rubén Darío (FONSECA, op. cit., Tomo I), por exemplo. A enumeração

desses sujeitos parece ter sido, por conseguinte, uma estratégia diretamente relacionada ao “outro”, incorporado, no projeto de Fonseca Amador, pela dominação colonial histórica, pelo intervencionismo, pelo imperialismo estadunidense, que era o elemento contra o qual lutavam todos esses sujeitos, em maior ou menor medida.

O heroísmo desses sujeitos foi, portanto, um dos instrumentos mobilizados para substanciar um projeto anti-imperialista. A centralidade de figuras que pudessem ser qualificadas como heróis nacionais também permitiu a Fonseca Amador que legitimasse a opção por uma heterodoxia marxista, centrada no rechaço à diretriz soviética de internacionalismo e renúncia à luta armada. Ao afirmar a necessidade de difusão de um ideal de patriotismo nicaraguense, o autor buscava ilustrar a importância de uma reformulação no repertório cultural da sociedade nicaraguense, e mais precisamente de suas classes populares. Dos elementos relacionados a essa reformulação, o tratamento do heroísmo sandinista certamente se destacou. Proclamando a necessidade de uma revolução entremeada por demandas especificamente nicaraguenses, o reforço das figuras heroicas que pudessem amalgamar parte desse ideal de revolução também correspondia ao fortalecimento da identidade nacional. Sob esse objetivo, Fonseca valeu-se também da ênfase aos “patriotas revolucionários da América Latina”, que em seus países haviam sustentando batalhas pela libertação nacional (*idem, ibidem*).

A ideia de legado relaciona-se objetivamente à formação da identidade nacional, na medida em que, para o êxito dessa construção, é preciso consolidar a consciência histórica em torno de um passado compartilhado, um destino coletivo convertido “em história”, conforme Erice (op. cit.). Nesse sentido, a composição de um vínculo com uma figura que legava uma missão atuava em duas direções, no projeto de Fonseca Amador. Na primeira delas, agia em relação a uma leitura do passado, ao estimular a construção de uma identidade nacional centrada em iniciativas como as de Sandino, qualificando-se como heroicas e patrióticas e exaltando seu conteúdo anti-imperialista e popular. Desse modo, o passado compartilhado vinculava-se a perspectiva de oposição combativa e, por consequência, oferecia amparo ao projeto revolucionário.

Na segunda direção, oferecia uma normativa de ação voltada ao futuro revolucionário. Sob esse ponto, pode-se abordar a opção de Fonseca Amador por corporificar os preceitos da moral revolucionária em Sandino. Nesse sentido, o resgate de influências e memórias, sob as reivindicações de legado e continuidade, foram importantes. Ao tratar os processos de restauração seletiva do passado, Hobsbawm (2013) elenca a moralidade como exemplo de restauração concreta: por meio desse processo, busca-se a reconstituição de certo código moral. É perceptível como, por meio dessa reconstituição, Fonseca traça uma relação de restauração da tradição nacional, obstruída pela morte de Sandino. Nesse sentido, é possível remeter a Rosas (2001), para quem o mito palingenético, ou “mito do recomeço”, interrompe a “decadência nacional” contida no modelo político que se quer combater⁵. A questão se relaciona a outro mito enumerado pelo autor, segundo o qual o regime ou projeto político que se quer instituir não é apenas mais um projeto, mas projeto identificado com a retomada “do verdadeiro e genuíno curso da história pátria” (ROSAS, op. cit., p. 1034). Jaime Wheelock, membro da Direção da Nacional da FSLN, assim caracteriza a relação da população com a revolução: “a revolução foi o encontro do povo consigo mesmo. A Nicarágua teve, pela primeira vez, a possibilidade de ser a Nicarágua. Porque antes não o era.” (INVERNIZZI; CEBÉRIO; PISANI; op.cit., p. 28).

Valores como nacional e antinacional ou patriótico e antipatriótico foram imprescindíveis à composição da moral revolucionária. Em texto de 1975, Fonseca elaborou brevemente os dados da moral nova e superior que deveria ser sustentada pelo sujeito revolucionário, em oposição à moral antinacional capitalista. Figuravam entre eles a modéstia, a sinceridade e o fraternal respeito (FONSECA, op. Cit., Tomo I, p. 112). Também a vingança da traição e das humilhações à pátria era elencada como sinal da dignidade do homem novo e como homenagem aos mártires, além de instituir um elo de compromisso com a revolução. Postula-se que a rememoração de Sandino tenha

⁵O objetivo do trabalho de Rosas é refletir sobre a constituição de mitos ideológicos úteis à fundamentação do Estado Novo português.

atuado como expressão desse modelo de moralidade revolucionária, ao ser exposto como exemplo de comportamento político e moral revolucionários.

As menções de Fonseca a Ho Chi Minh, líder do processo vietnamita, também aludiam a esse aspecto. O heroísmo, abnegação e consciência do vietnamita foram enumerados como expressões exemplares da moralidade revolucionária (*idem, ibidem*). Mais que isso, no entanto, a exemplaridade de Ho Chi Minh sugeria a indissociabilidade entre a moral do sujeito revolucionário e seu compromisso com a libertação nacional, assim como ocorria com Sandino. Logo, a conclamação dessas características cumpria um papel importante na expressão do que era tido como nacional e, por oposição, no desígnio do que era antinacional. No Prólogo a *De Sandino ao Triunfo da Revolução* (LOZANO, 1985), Sergio Bagú relata essa relação: “Jamais é somente o invasor estrangeiro o que atua, mas também é o cúmplice nativo quem, desde datas distantes do século anterior, abre-lhe a porta e compartilha o botim. Este último fator acentua mais ainda o caráter de reivindicação nacional que adquire o movimento, porque neste caso o nacional se vive não como uma indiscriminada irmandade dentro dos limites territoriais mas como objetivo de purificação interna, de ética superior da convivência” (BAGÚ, 1985, p. 9).

Sobre a importância de figuras exemplares na conformação de uma identidade nacional, Erice explica: “Na transmissão da História nacional ou da imagem identitária do passado, quase sempre cumprem uma função relevante os personagens exemplares. Tal como assinala Bellah, os ideais de uma comunidade de memória ‘são exemplificados nos homens e mulheres destacados’ que pertenceram ou pertencem a ela, heróis ou heroínas, ‘santos e mártires que definem sua identidade’. É preciso ter em conta ademais a dificuldade de explicar às crianças ou a um auditório pouco formado os processos históricos baseados em determinações e forças impessoais” (ERICE, op. cit., p. 18). Além de estabelecer um laço de coesão dos nicaraguenses para os quais se volta o projeto político de Fonseca Amador, acredita-se que a rememoração de Sandino tenha embasado a constituição de um vínculo de pertencimento com um passado determinado – cuja continuidade é um dado da missão revolucionária – e, por fim, que esse sujeito tenha tido papel definidor de uma identidade coletiva.

A abordagem de Erice (op. Cit.) permite também que se questione em que medida a corporificação de um passado na rememoração de Sandino tornou didáticos os fundamentos da luta revolucionária que Fonseca Amador reivindicava. No decorrer do desenvolvimento de seu projeto político, Fonseca Amador atribuía frequentemente um “baixo nível político” às massas. Entendia, por consequência disso, que o movimento sandinista precisava centrar esforços nas tarefas de educação política. A rememoração de Sandino pode ter contribuído a esses esforços, uma vez que personificava as condições de desenvolvimento do processo histórico ao qual se pretendia “dar continuidade”. Além disso, Sandino relacionava-se à tarefa de educação política na medida em que, para Fonseca, “na educação política de nossa militância e de nosso povo, temos que utilizar em uma medida ainda maior do que no passado os textos revolucionários que representantes de nosso povo emitiram no curso de nossa tradição histórica” (FONSECA, op. cit., Tomo I, p. 116).

Sob a hipótese de que Sandino constituía, nesse projeto político, uma significação múltipla no âmbito da constituição de uma memória coletiva, avança-se sobre outro ponto abordado por Erice: a execução de políticas de memória fundada pelo Estado. Nesse sentido, pode-se compreender, por um lado, em que disputas se inseria o projeto político de Fonseca Amador no decorrer de sua atuação política e, por outro como era formulada a política de memória desde o Estado. A estratégia de apagamento da memória de Sandino tornou-se um postulado dessa política de memória. Erice (op. cit.) pontua que o Estado é um agente poderoso que pode hierarquizar e silenciar memórias. A rememoração de Sandino pelo projeto político de Fonseca Amador sinalizava para o silenciamento dessa memória pela ditadura. Por consequência disso, a reivindicação dessa memória contrapunha-se explicitamente à política de memória vigente, o que determinava sua centralidade e o interesse em estruturá-la para que fosse consistente diante de uma disputa que envolvia não somente a reivindicação de um espaço ou de um direito histórico, mas os sentidos da nação.

Considerando-se a abordagem de Erice (op. cit.) é possível apontar para a rememoração defendida por Fonseca Amador como uma identidade sub-estatal mas que, como já se mencionou, visava à projeção nacional. De acordo com o autor, os conflitos de memória situados dentro dos limites de um país podem também originar-se em diferentes interpretações do passado, que por sua vez são derivadas de distintas ideologias ou estratégias políticas. Postula-se que o caso analisado encontra relação no apontamento do autor, para quem os conflitos de memória “Nunca ou quase nunca estão ausentes dos combates políticos, das fraturas culturais profundas ou das lutas de classes” (Erice, op. cit., p. 25). Era perceptível, no projeto político de Fonseca Amador, a caracterização das dimensões de classe, política e cultural. Em primeiro lugar, porque este projeto fundava-se sobre um referencial marxista e priorizava o setor da população que poderia ser qualificado como proletário, como classe dominada ou como classe operária e camponesa (FONSECA, op. Cit. Tomo I). Em segundo, porque essa dimensão assumia características políticas e culturais. Dentre as políticas, estava o teor da revolução proposta. Dentre as culturais, o desejo de estimular uma mudança no repertório cultural da população. Em ambos, a rememoração de Sandino inseria-se como peça fundamental de promoção da mudança.

Entretanto, Erice sublinha também a dimensão internacional de possíveis conflitos de memória, quando a “história se converte então em arma para a afirmação própria contra o inimigo externo” (*idem, ibidem*, p. 25). A relação desse projeto com a figura de um inimigo externo manifesta-se especialmente no rechaço ao intervencionismo estadunidense. A afirmação própria, nesse caso, encontrou na memória de Sandino ilustração do ideal anti-imperialista expresso no projeto político.

O potencial transformador do símbolo que se coloca como alternativo àquele que é estruturado desde o Estado e, portanto, seu caráter disruptivo, podem ser também analisados sob a luz do conceito de ondas de pensamento (DEVÉS-VALDÉS, 1997). De acordo com o autor, o pensamento latino-americano, desde o início do século XIX, oscilou entre a busca por modernização e a reivindicação ou reforço da identidade. A sucessão de ondas de pensamento, ora modernizadoras, ora identitárias, se orienta pela dinâmica interna dos territórios, assim como por fatores externos. O projeto político de Fonseca Amador situou-se, conforme a periodização de Devés-Valdés, numa onda identitária, em muito influenciada pela eclosão e desenrolar da Revolução Cubana. Outros elementos, como o intervencionismo estadunidense e a simultaneidade de processos de libertação nacional na América Latina, Ásia e África, por sua vez diretamente relacionados a essa mesma política intervencionista, também foram bons exemplos de componentes desencadeadores dessa onda. O que se deseja sugerir é que, possivelmente, todas as ondas de pensamento identitárias se expressam enquanto reações defensivas a mudanças nas dinâmicas interna e externa dos países nos quais se verificam. Desse modo, é possível afirmar que todas elas visam à ruptura em menor ou menor grau.

Devés-Valdés (op. cit.) enumera características para as ondas identitárias. Dentre elas, destacam-se 1.a reivindicação e defesa do americano, latino, indígena – ou seja, do particular; 2.a valorização do cultural e do humanista em detrimento do tecnológico; 3.o rechaço ao intervencionismo dos países mais desenvolvidos, comumente contidos na reivindicação de independência e libertação; 4.a defesa a uma maneira peculiar de ser, que é distinta da dos países mais desenvolvidos (*idem, ibidem*, p. 14). Com base nesses elementos, e sob a hipótese de que a ruptura é um elemento inerente às ondas identitárias, é possível avançar sobre o conteúdo da rememoração de Sandino. Acredita-se que a centralidade dessa rememoração tenha partido da identificação, em Sandino, de um ícone identitário e um tipo social capaz de amalgamar os componentes de uma identidade alternativa e expressiva da particularidade latino-americana e nicaraguense. Além disso, um ícone capaz de estabelecer um vínculo e uma posição específica nas disputas políticas em que se inseriu o projeto de Fonseca Amador e de reforçar a característica de classe nele assumida.

Conclusões:

Os argumentos expostos informam da importância que a lembrança da trajetória e das formulações políticas de Sandino tiveram no projeto de Fonseca. Em primeiro lugar, pela caracterização de Sandino enquanto herói nacional, que serviu ao propósito de oferecer um modelo da moralidade revolucionária reivindicada no âmbito desse projeto e de conformar uma identidade e memória coletivas, ancoradas fundamentalmente em uma perspectiva de classe e reforçadas pela equivalência entre patriotismo e defesa da soberania nacional.

A pretensão de criar uma identificação entre Sandino e a população ilustrava, ademais, a configuração do sujeito revolucionário pretendido nesse projeto. A lembrança de Sandino importava, em primeiro lugar, à coesão da população em relação à dimensão de classe e à condição dupla de operário e camponês de Sandino, que media de maneira ideal a interlocução de Fonseca e da Frente com a população. A partir de Sandino, Fonseca podia exemplificar as condições de exploração dos trabalhadores, demonstrar a permanência das intervenções e interesses estrangeiros na Nicarágua. Podia também vincular a Sandino a “tradição de luta” que queria reproduzir na população. Essa característica é proeminente na intenção de agrupar a população sob a liderança da FSLN, especialmente para facilitar o contato entre um movimento eminentemente estudantil - em sua fase inicial - e uma população de característica operária e camponesa. Para além disso, acredita-se que essa aproximação tenha propiciado a articulação do projeto político que se consolidou entre os sandinistas, reafirmando a continuidade existente entre o EDSN e a FSLN e influenciando sobre suas opções táticas – centradas na guerrilha – e sobre seu caráter de defesa da soberania nacional e anti-imperialismo.

Em relação à conformação da identidade e memória nacionais, acredita-se que a lembrança de Sandino tenha oferecido aportes para a constituição de um passado compartilhado, assim como para a projeção futura e revolucionária que é colocada nos termos uma missão legada por Sandino, cuja continuidade ficaria a cargo da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Nesse sentido, é possível postular que o uso político de Sandino e de sua experiência tenha sido considerado por seu potencial de realizar uma transformação no repertório cultural e político da população, no que diz respeito a sua história, a seu comportamento político e à moral revolucionária reivindicada no bojo desse projeto.

Sugere-se que a apropriação da trajetória e da figura de Sandino pelas classes dominadas na Nicarágua, que era uma intenção objetiva do projeto político de Fonseca Amador, tenha se dado por motivos análogos aos relatados por Cattaruzza (op. Cit.) em relação à apropriação do gaúcho na Argentina. Conforme o autor, a apropriação se deu pela identificação com os valores, costumes e representações dos quais a tradição gauchesca era portadora e pelo potencial destes elementos na construção de uma identidade popular que, na visão das elites, remetia a um passado considerado atrasado. Tal como nesse caso, a apropriação correspondia a um interesse objetivo de demarcar posição na disputa política e sócia. Esse dado da reflexão de Cattaruzza orienta também para a necessidade de se conhecer a situação histórica do sujeito elevado a símbolo. Aplicada ao presente caso, a investigação desse dado culmina na conclusão preliminar a respeito da representatividade do embate travado por um operário camponês num cenário de intervenção explícita e da possibilidade que essa memória poderia ter como elemento de reforço do antissomozismo e anti-imperialismo populares e de reforço da identidade de classe pretendida pelo sandinismo.

Por tudo isso, sugere-se que a lembrança de Sandino tenha composto parte importante na “invenção de uma tradição” nacional para a Nicarágua, que se opunha aos preceitos vigentes e reforçados pela ditadura somozista e que denunciava opressões internas e externas sob a chave da defesa da nação em oposição ao comportamento antinacional dos setores alinhados ao regime ditatorial. Seguindo as premissas de Hobsbawm (1990), acredita-se que Sandino e a memória fundamentada a partir dele tenham servido ao reforço da coesão, à inculcação de valores e à legitimação de instituições, quer fossem a FSLN, quer fossem a revolução e o estado revolucionário. Por tudo isso, afirma-se que a estruturação da memória em torno de Sandino possuía um propósito educativo no projeto de Fonseca, uma vez que o sandinista acreditava na educação como principal veículo de difusão do projeto revolucionário, como meio para o desenvolvimento da consciência política e como princípio organizador da “tradição rebelde” da população.

Bibliografia:

- Angell, Alan (1997) “La izquierda en América Latina desde c. 1920” in Bethell, Leslie *História de América Latina. Política y sociedad desde 1930* (Barcelona: Crítica). Volume 12.
- Lozano, Lucrecia (1985) *De Sandino al triunfo de la revolución* (México DF: Siglo XXI).
- Cattaruzza, Alejandro (2007) *Los usos del pasado. La historia y la política argentinas en discusión 1910-1945* (Buenos Aires: Sudamericana).
- Cebério, Jesús, Invernizzi, Gabriele e Pisani, Francis (1985) *Sandinistas – Entrevista com líderes sandinistas: Bayardo Arce, Humberto Ortega, Jaime Wheelock* (São Paulo: Brasiliense).
- Devés-Valdés, Eduardo 1997 “El pensamiento latinoamericano a comienzos del siglo XX: La reivindicación de la identidad” CUYO (Buenos Aires), n. 14.
- Erice, Francisco 2014 “Las memorias nacionales: conflictos y límites” *Historiografías* (Espanha), nº 8.
- Fonseca, Carlos (1982) *Obras* (Managua: Editorial Nueva Nicaragua). (2 tomos).
- Hobsbawm, Eric J. (1990) *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (Rio de Janeiro: Paz e Terra)
- Hobsbawm, Eric J. 2003 (2013) *Sobre História* (São Paulo: Companhia de Bolso).
- Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence (orgs.) 1984 (1983) *A invenção das tradições* (Rio de Janeiro: Paz e Terra)
- Löwy, Michael 2007 “O internacionalismo revolucionário nos dias de hoje” Fundação Perseu Abramo (São Paulo). Disponível em <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=543>
- Morlina, Fabio Clauz (2009) *Teologia da libertação na Nicarágua sandinista* (São Paulo: USP).
- Novikova, Olga 2007 “La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedade democrática (la URSS y el espacio postsoviético)” *Historia del presente* (Madrid), n. 9.
- Ramírez, Sergio. “Sandino, classe e ideologia” (2008) in Stedile, João Pedro e Baltodano, Mônica (orgs.) (2008) *Sandino: vida e obra* (São Paulo: Expressão Popular)
- Rosas, Fernando 2001 “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo” *Análise Social* (Lisboa), vol. 157.
- SOTO, Orlando Núñez (1985). “Los campesinos y la política em Nicaragua” in Casanova, Pablo González (org.) *Historia política de los campesinos latino-americanos* (Mexico: Siglo XXI).
- TRAVERSO, Enzo (2011) *El pasado, instrucciones de uso* (Buenos Aires: Prometeo Libros).
- VILAS, Carlos (1986) *Nicarágua, hoje: análise da revolução sandinista* (São Paulo: Vértice).